

# Escritor e transcendência

Há alguns anos, era fevereiro, eu fui visitar minha mãe em Dresden. Nos víamos raramente, mas em compensação nos telefonávamos muito.

Estávamos sentados na cozinha durante o jantar, quando a campainha tocou. Minha mãe emudeceu. Sem fazer barulho, botei a xícara de lado. Nós nem sequer nos olhamos, pois é natural nos fazermos de mortos quando há a ameaça de algum transtorno. Das escadarias, ouvimos soluços.

“Christazinha”, chamou uma voz de mulher, “Christazinha!” Depois mais uma vez apenas os soluços.

“Meu Púchkin!”, gritou Henrietta, nossa vizinha, assim que entrou na cozinha. Ela me abraçou. A sombra em suas pálpebras estava manchada, as lágrimas haviam deixado rastros negros nas faces.

Desde que Henrietta havia encontrado uma foto num jornal de Dresden, na qual eu pretensamente estava parecido com Púchkin, ela me chamava de “meu Púchkin”. Henrietta é de Sverdlovsk, nos Urais, que hoje em dia voltou a se chamar Iekaterinburg. Em Dresden, ela já mora há trinta anos. No passado, Henrietta trabalhava como dentista, depois ficou desempregada,

e agora está aposentada. Seu marido arranjou outra, as duas filhas há tempos saíram de casa.

Nervosa, Henrietta contou que a vizinha X. exigia quinhentos marcos dela. Ela acabara de sair de sua casa, berrara pelos corredores e reivindicara indenização pela sua mesa. Henrietta voltou a rebentar em lágrimas.

“Mas que mesa é essa?”, perguntou minha mãe.

“Uma mesa do sótão, no meu cantinho do sótão!”, exclamou Henrietta.

No passado, sempre havia sido assim; móveis em desuso eram colocados no grande sótão, no cantinho de Henrietta. Caso ela mesma não precisasse mais das tralhas, ela as dava a oficiais soviéticos e suas famílias. Algumas semanas antes, Henrietta havia descoberto em seu cantinho uma mesa em forma de rim dos anos cinqüenta, levava-a para seu apartamento, e lá, uma vez que ela era alta demais para o seu gosto, serrara um palmo de cada uma de suas pernas.

E eis que hoje a senhora X. tocara a campainha de Henrietta à procura de sua mesa desaparecida. Sem imaginar o que estava acontecendo, Henrietta pedira que ela entrasse. De cara com sua mesa mutilada, a senhora X. havia perdido as estribeiras e insultara Henrietta grosseiramente. Agora ela pedia quinhentos marcos por sua propriedade arruinada. E que Henrietta não inventasse de se mudar dali antes de saldar o dano que havia causado.

“Essa X.!” , eu interrompi Henrietta. “Essa X. não devia botar tanta banca!” Mesmo antes de 1989, nós já tínhamos certeza de que a senhora X. e o senhor Y. trabalhavam para a Stasi e

“cuidavam” de nossa casa. Tanto minha mãe quanto Henrietta haviam encontrado relatórios da senhora X. sobre si mesmas em seus dossiês particulares. Isso não havia mudado nada na vida delas em comunidade. Assim como nos tempos da Alemanha Oriental, elas se cumprimentavam rapidamente e seguiam seus caminhos.

Minha mãe assentiu, mas em seguida deu uma sugestão que me deixou chocado. Henrietta, contudo, parou de chorar.

Dois dias mais tarde, no sábado, Henrietta foi ao cabeleireiro, usou um longo vestido azul-escuro, botou a gargantilha de ouro de sua mãe para combinar, ferveu café e preparou a mesa de pernas serradas para duas pessoas. Ela acrescentou também um envelope com quinhentos marcos e uma pasta com uma série de cópias anexadas. Diante do ícone que ela possuía desde o ano anterior, havia uma vela acesa, do toca-discos vinha música de coro russa. Então Henrietta tocou a campainha na casa da família X. e pediu à senhora X. que subisse com ela. Quando as duas mulheres estavam sentadas uma diante da outra, Henrietta pediu desculpas pela mesa serrada. Mas, antes de lhe dar os quinhentos marcos, ela ainda tinha uma pergunta a fazer. Ela gostaria de saber por que a senhora X. havia feito relatórios secretos sobre ela, Henrietta, e sua família.

A senhora X. sorriu e perguntou como Henrietta podia se permitir espalhar calúnias desse tipo. Henrietta empurrou a pasta até ela.

A senhora X. abriu o dossiê, folheou adiante, folheou e folheou, seus movimentos ficaram nervosos. “Não pode ser, mas não pode ser!”, sussurrou a senhora X. Ela fizera, gritou a

senhora X., sim, ela fizera apenas uns poucos relatórios sobre Henrietta. O vizinho Y., o senhor Y. da entrada lateral, teria sido ele o responsável, e o que ela havia repassado adiante não podia ser comparado com aquilo que o senhor Y. ou mesmo a senhora Z. haviam feito. “Quem mais fez denúncias foi a senhora Z., com certeza!”

Isso até podia ser verdade, disse Henrietta, mas no dossiê estavam registrados os relatórios dela, e não os da senhora Z. ou os do senhor Y.

“Um trago”, sussurrou a senhora X. e levantou de um salto, “eu preciso de um trago.” Ela tentou abraçar Henrietta. Henrietta não devia, por favor, julgá-la tão mal assim. Ela havia sido obrigada a fazer aquilo. “Não fiz nada voluntariamente”, ela gritou. “Eu não prejudiquei ninguém!”

A senhora X. engoliu a vodca, fez uma careta. Lágrimas lhe vieram aos olhos. Ela soluçou num suspiro e correu para fora. Henrietta também bebeu uma dose de vodca, pegou o envelope com os quinhentos marcos e tocou a campainha da nossa casa.

Ainda que minha mãe não tivesse esperado outra coisa, ela achou extraordinário o fato de a senhora X., ao que tudo indica, ter vivido até hoje na crença de que nós não sabíamos de nada.

Eu confessei que já havia considerado os quinhentos marcos de minha mãe perdidos. “Sendo a senhora X. quem é, eu teria apostado minha cabeça que ela ficaria com o dinheiro.”

“Não!”, exclamou minha mãe. “Eu sempre acreditei que a justiça acaba triunfando, ao final das contas!”

Algumas semanas mais tarde, eu escrevi essa história. Talvez eu pudesse usá-la em lugar de um artigo de jornal que havia

prometido. De qualquer modo, eu até então jamais havia copiado a realidade. Por isso meu propósito me parecia um tanto sinistro.

“Eu escrevi sobre Henrietta e sobre você”, foi o que eu disse à minha mãe ao telefone. Talvez por meio dessa história pudesse ser caracterizado, melhor do que com explicações digressivas, como as coordenadas e modelos de comportamento do sistema desaparecido ainda se revelam por toda parte.

“Escuta só!”, interrompeu minha mãe. “A coisa ainda não terminou!”

“A senhora X. deu notícias?”

“Ah, é uma história bem diferente!”

Henrietta havia se mudado fazia duas semanas e agora morava num prédio no centro de Dresden. Para festejar a nova casa, ela havia comprado uma penteadeira. Como queria poupar os custos da entrega, ela se torturou carregando a peça embalada. Pouco antes de chegar à porta do prédio, um rapaz lhe ofereceu ajuda, levantou a caixa pesada de papelão sobre os ombros, carregou-a até o elevador e foi com ela para cima. Henrietta pegou o outro elevador. Quando ela desceu em seu andar, não encontrou nem a penteadeira nem o homem. Ela esperou, desceu, depois voltou a subir, gritou nas escadarias diversas vezes que o móvel deveria ser levado ao sétimo andar, subiu e desceu as escadas correndo.

“Por que a senhora está gritando desse jeito?”, uma senhora de mais idade manifestou seu espanto. Henrietta perguntou se ela vira um homem com uma caixa de papelão, e contou sobre o seu infortúnio.

A mulher mediu Henrietta com os olhos. Ela não precisava se preocupar, disse a senhora por fim, mandou Henrietta entrar em seu apartamento. Foi, ela mesma, até o andar mais alto, tocou a campainha de uma porta e entrou. Dois rapazes estavam justamente montando uma penteadeira. Eles veriam o que é bom se continuassem a fazer essas coisas, disse a senhora de mais idade. Roubar a mãe da noiva de um mafioso, atrair os guarda-costas do genro para dentro de casa e arriscar perder uma orelha – e tudo por um troço barato como aquele. “Espero que aproveitem!”

Dez minutos mais tarde, Henrietta e sua vizinha prestativa carregaram a penteadeira já montada para fora do elevador. O tampo de vidro apresentava alguns arranhões, que Henrietta generosamente fingiu não ter visto.

Eu continuei escrevendo a história do jeito que minha mãe a contou. Com certeza nem Henrietta nem minha mãe podiam saber o que a vizinha de fato dissera, mas a argumentação souo convincente.

Eu queria fazer com que minha história terminasse com o *grand finale* em que, no telhado do prédio de Henrietta, até 1990 podia ser lida em letras gigantes a frase “O socialismo triunfa!”.

“Você vai mostrar a história a Henrietta?”, perguntou minha mãe.

“Por que eu deveria?” Eu iria mudar o nome dela. E, de qualquer forma, Henrietta jamais veria o jornal onde o artigo sairia.

Quando viajei para Dresden na vez seguinte, trouxera comigo o jornal com a história de Henrietta. Minha mãe coleciona essas coisas.

Para ser sincero, eu não fiquei exatamente entusiasmado quando minha mãe sugeriu que eu a acompanhasse até a casa de sua antiga vizinha. Henrietta acabara de voltar de Kiev, de uma viagem de peregrinação.

“Afinal de contas você deve a história a ela”, disse minha mãe.

Só no carro ela me revelou que Henrietta tomou nossa visita como uma providência divina. Henrietta considerava ser sua vocação se tornar uma missionária na Alemanha. Quem a convencera disso havia sido um certo Mischa, que no passado fora oficial no Afeganistão e mais tarde na Alemanha Oriental. Ele teria anunciado a Henrietta que ela precisava doar quatro mil dólares à igreja para a qual ele trabalhava. Do contrário, em meio ano Henrietta soltaria um “ai” na cozinha e cairia morta.

A entrada do prédio e o elevador estreito estavam cobertos de pichações de cima a baixo. Henrietta abraçou e beijou também a mim, e nos levou através de seu quarto-e-sala. Nós admiramos a penteadeira – armação dourada, tampo de vidro fumê – e de sua sacada olhamos para as encostas do Elba, em Loschwitz.

O ícone no armário de parede era rodeado por toda uma tropa de imagens sacras. Diante dele, como se fossem uma pilha de cartas de baralho, havia imagenzinhas igualmente coloridas com uma oração apropriada na parte de trás.

“Se uma coisa certa eu fiz na vida, foi visitar o mosteiro”, exclamou Henrietta. Ela usava um vestido marrom com decote profundo e uma grande abertura nas costas, no meio da qual se destacava o fecho de um sutiã vermelho.

Em Kiev, Henrietta teria morado com Mãe Maria, uma mulher milagreira, que em sessões de várias horas curava mãos

esmagadas e pernas inchadas usando energia celestial. As pessoas teriam saído de sua casa sem dores nem muletas. Se não o tivesse visto com os próprios olhos – e nesse momento Henrietta fixou os olhos em nós –, ela não teria acreditado.

Com Maria, Mischa e outros kievenses, ela viajara até o oeste da Ucrânia, ao mosteiro de Potschaiev. O pequeno grupo havia ficado desde as quatro horas da madrugada junto à porta da igreja. Depois, a coisa se transformara numa espécie de corrida, porque todos queriam tocar as grades do altar. Não sei o que Henrietta queria dizer com “grades do altar”, mas não quis interromper a história que ela contava, e mais tarde me esqueci de perguntar.

Um monge, alto e de olhos escuros, havia admoestado os fiéis: pouco importava o que acontecesse à volta deles, eles não deveriam se preocupar, e sim esperar no lugar em que estavam sem se mexer, e confiar em Deus.

Henrietta, que olhava por cima de nós ao falar, parecia uma criança cantando num coral. De frase a frase, ela se tornava mais vivaz, um número cada vez maior de palavras russas acabava entrando em sua narrativa, com a qual ela tentava fazer com que víssemos o cenário diante de nós.

As pessoas ficam impacientes, suspiram, gemem, se lamentam, choramingam. Henrietta abraça as grades com força cada vez maior. No mesmo instante em que o monge pega a bíblia no altar, alguns começam a gritar. Eles se jogam ao chão. “Eles fazem, todos eles, como cavalos, todos como cavalos e lobos. Huhuhuuuu”. Mischa fica de cabelos em pé. “Um faz como porco, também como porco um faz. Ai, ai, ai!”

Quando por fim o monge começa a tocar as cabeças dos fiéis com a bíblia, o grunhir e o gemer aumenta a ponto de virar um berreiro que atordoia os ouvidos. Um jovem cacareja a todo o volume, quer correr para ir embora, sua mãe o puxa de volta, um homem rola no chão, ai, ai, ai.

“Fascinante”, sussurra minha mãe, “realmente fascinante.”

De um só golpe, todos emudecem, ninguém se mexe mais. Um instante depois, eles batem o pé de suas roupas e olham furtivamente à sua volta. “Eles não sabem o que aconteceu, o diabo se foi do corpo.”

Henrietta passou a falar então de demônios e magia negra. Às vezes, um olhar errado já seria suficiente, e o diabo tomava conta da gente.

“E o que aconteceu com você?”, perguntou minha mãe.

“Em mim não tem diabo, mas tem que limpar igual, todo mundo tem que ser purificado, tem que fazer purificação, vocês também, quando Maria vem, todos convidados pra minha casa.”

De imediato eu me prontifiquei a viajar até ali, caso houvesse a oportunidade de conhecer Mãe Maria. Henrietta, que interpretou mal o meu interesse, abriu seu coração para mim. Ela contaria sobre a purificação a todo mundo. Mas ela ficava preocupada em talvez não conseguir dar conta dessa tarefa.

Quatro semanas mais tarde, tocamos a campanha de Henrietta de novo. Mãe Maria acabara de lavar a louça. Antes de falar sobre ela e o procedimento ao qual ela me submeteu, eu talvez devesse mencionar que graças ao trabalho de minha mãe eu já dispunha de mais material. Estava escrevendo a continuação de minha primeira história. Não sabia ao certo, apenas, em

que ponto eu deveria inseri-la. Henrietta tinha sete irmãs e um irmão. O pai dela havia tombado na grande guerra da pátria, seu irmão roubara um pão com catorze anos, havia sido tirado de casa e jamais retornara. Quanto a Maria, porém, ela agora sabia que o irmão sobrevivera à prisão e ao campo de prisioneiros, e que se casara na Sibéria. Ele morrera por lá fazia apenas alguns anos, chorado por seus filhos e netos.

Antes de começar o tratamento, nós tomamos café. Mãe Maria tinha passado dos sessenta, possuía um belo rosto e diversos dentes de ouro. Eu, disse ela sem qualquer introdução, iria me casar com uma mulher ruiva, provavelmente uma russa. E teria filhos com ela.

“Vamos ver”, disse eu, e sorri.

De meias, calças e camisa de baixo, eu assumi posição diante de Mãe Maria, com o rosto virado para a janela. O sol ofuscava. Ela me contemplava sorrindo, quase fazendo troça. Eu sorri de volta, amarelo. Na minha frente, ela não precisava fazer teatro.

Então Maria se aproximou. Suas mãos miraculosas resvalaram, sem nem mesmo me tocar de leve, dos meus ombros pelos braços abaixo, depois se movimentaram do pescoço ao umbigo.

Eu teria, conforme a tradução de Henrietta para o diagnóstico de Maria, problemas com o coração e o fígado. “Sim”, disse eu, “procede.”

“Fascinante”, sussurrou minha mãe.

O sorriso de Maria desapareceu. Seu olhar descansou sobre mim. Mas não estava claro se ela inspecionava meu corpo ou olhava através de mim. Vagarosamente, ela levantou os braços, eu esperava ser escaneado por ela pela terceira vez, quando ela

arrancou algo de mim, sim, ela arrancou algo de mim, enrolou-o em volta de sua mão direita e no instante seguinte sacudiu as mãos como se as estivesse secando. Eu não senti nada. Quando ela se posicionou pela segunda vez, para arrancar com força enorme – zás – o que parecia ser um tendão meu, eu me desviei involuntariamente. Mas, como eu já disse, não senti nada. E assim a coisa continuou. Centímetro por centímetro, Maria me livrou de males e doenças, sendo que, conforme seu diagnóstico, na região do coração e do fígado havia especialmente muito a fazer. Às vezes parecia que o tendão ou a linha de pescar imaginários da qual pendiam meus males lhe escorregava entre os dedos. Então ela voltava a agarrá-lo, às vezes com as duas mãos. Ela fazia caretas e cerrava os olhos de tanto esforço. Enquanto isso, eu já pensava a quem Maria queria se referir. Mas eu não desejava como esposa nenhuma das duas russas ruivas que eu conhecia. Para terminar, já havia escurecido nesse ínterim, Maria se voltou ao tratamento de minha cabeça.

“*Haraschô*”,<sup>1</sup> disse ela por fim e assentiu. Ainda que não tivéssemos ligado a luz e apenas as lâmpadas da rua iluminassem o quarto, eu pude ver como Maria estava cansada. Ela afundou no sofá, do qual minha mãe acabara de se levantar, e fechou os olhos.

Eu me vesti e tomei mais uma xícara de café. Minha mãe deu cem marcos a Henrietta, que ela deveria usar para a viagem de volta de Maria. Pois dinheiro Maria não podia aceitar. Dinheiro lhe roubaria as forças.

1 Em russo, no original: “Muito bem”. [N.T.]

Eu me sentia um pouco mal do estômago e com as pernas bambas. Insisti com minha mãe para que fôssemos embo-  
ra. Como se fosse um minuto de homenagem, ficamos em pé,  
mudos, diante de Maria, que havia adormecido no sofá.

Enfim no elevador, minha mãe, antes mesmo de eu conse-  
guir dizer alguma coisa, tirou dois dos santinhos de Henrietta  
do bolso e os estendeu a mim. “Quer este ou este?”

Quase no mesmo instante minha mãe retorceu a boca, fixou  
meu rosto, seus olhos de repente pareceram maiores, como se  
ela usasse óculos com lentes grossas. Ela recuou para a parede  
do elevador, mas logo voltou a se inclinar à frente. Eu queria  
perguntar o que diabos estava acontecendo com ela. Mas o ros-  
to dela estava longe de repente, meus joelhos dobraram, eu caí  
para trás, deslizei até o chão, ouvi um grito agudo, do qual eu  
quis rir, e grunhi mais uma vez. Um cheiro nada bom entrou  
pelo meu nariz, eu fiquei encaiffado.

Quando a porta do elevador se abriu, um casal de mais ida-  
de recuou, assustado. Eles passaram os olhos por mim e só bem  
devagar ousaram uma reaproximação. Eu não sabia como aqui-  
podia ter acontecido comigo, e por que eu continuava como  
que paralisado, jogado aos pés deles. Eu devia ter tropeçado e  
caído de comprido. Mamãe ajudou a me levantar. Mas, por ela  
estar com muita pressa, eu caí de novo. O casal não se mexeu  
do lugar em que estava. “Você ouviu isso?”, perguntou o homem.  
A mulher assentiu. Eles sussurravam e fixavam os olhos em nós.  
Eu entendi a palavra “escritor” e mais alguma coisa, que não  
quero repetir aqui.

“Um porco desses”, gritou a mulher de repente, e tão alto

como se quisesse que toda a casa ouvisse o que ela dizia. “Um bando de porcos!”

Eu quis replicar que, afinal, qualquer um podia tropeçar, e que esse descuido não era motivo para me insultar, e ainda por cima ofender minha mãe. Eles, sim, eles dois, não deviam se mostrar assim tão metidos a chiques. O aspecto daquilo ali, aquelas pichações por toda parte e o cheiro, ora, muito obrigado, eu não iria querer morar um só dia ali. Em vez disso, escapou-me um arroteo verdadeiramente asqueroso.

“Porco!”, gritou o homem.

“Calaboca!”, sibilei eu.

“Porco!”

“Calaboca!”

Nós tomamos posição um diante do outro, fizemos caretas e continuamos gritando “Porco!”, “Calaboca!”, “Porco!”, “Calaboca!”, até que mamãe chamou meu oponente de “pepino azedo”. Ela o disse baixinho, mais como se falasse consigo mesma. Ela nem mesmo dissera “seu pepino azedo”, mas apenas e simplesmente “pepino azedo”.

“O quê? O quêêê?”, perguntou o homem, se voltando.

“Pepino azedo!”, ela disse e me puxou consigo, saindo em direção ao estacionamento.

“O quê? O quêêê?”, gritou ele e nos seguiu. Ele já soava tão estranhamente esgotado ao dizê-lo, que eu olhei à minha volta. Ele de fato lutava em busca de ar, seus olhos estavam saltados.

Às pressas, mamãe bateu a sujeira de minhas calças e do casaco, me acochambrou no banco do passageiro e se colocou, ela mesma, ao volante. Ela ainda me fez cuspir em seu lenço, e

com ele esfregou minha face esquerda, limpando-a. Eu odeio esse cuspir-em-lenços e essa esfregação, mas desta vez não resisti, até mesmo apoiei os esforços de minha mãe e tirei meu cabelo da testa. No espelho do quebra-sol do carro, eu observei como o homem se apoiava sobre nosso bagageiro. Sua boca de peixe de lábios azuis parecia continuar a querer gritar “O quê? O quê?”.

“Pepino azedo”, disse mamãe, satisfeita, deu partida no carro e foi embora. O homem no retrovisor desapareceu. Esgotado com o excesso de impressões e sem saber como deveria arranjar e sublimar de maneira adequada o que eu acabara de vivenciar, fechei os olhos.